

## ORIENTAÇÃO SEXUAL PARA PAIS DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

José Andrade Costa Filho<sup>1</sup>

Luan de Sousa Balbino<sup>2</sup>

Izabela Cristina Alves Soares Sá<sup>3</sup>

### RESUMO

A literatura científica registra a sexualidade de forma ampla, difusa e histórica, uma vez que ela se manifesta na sua dimensão total, abarcando as esferas biológica, psicológica e social. Nessa perspectiva, a sexualidade não se limita ao prazer sexual, mas se manifesta sobretudo pelo toque e em todas as formas de expressão de afeto. Ao abordar esse tema, percebe-se que o exercício do papel sexual e afetivo da pessoa com deficiência é negligenciado ou esquecido, em detrimento de mitos e preconceitos produzidos pela cultura e transmitidos, principalmente, pela família, erguendo barreiras atitudinais e impedindo a vivência íntegra dessas pessoas. Nesse sentido, este trabalho classifica-se como estudo descritivo, com o modelo de relato de experiência, vivenciado por um grupo de estudantes de psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, no projeto de extensão Orientação Sexual para Pais de Pessoas com Deficiência, financiado pela UEPB na cota 2022/23. As intervenções realizadas tiveram como objetivo geral orientar os responsáveis de PcDs no que concerne à dimensão da sexualidade, bem como a produção de estratégias ao abordar esse assunto no contexto familiar. Por sua vez, o público-alvo das ações se concentrou na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Campina Grande, Paraíba – APAE CG. A metodologia foi pensada sob um viés de acolhimento e executada a partir de 7 rodas de conversa, com temáticas e dinâmicas semi-estruturadas, que ganharam forma a partir das demandas relatadas pelos participantes. A partir deste trabalho foi possível promover o entendimento dos pais sobre a sexualidade.

**Palavras-chave:** Sexualidade. Pais. Pessoa com deficiência. Orientação sexual.

### ABSTRACT

The scientific literature documents sexuality in a broad, diffuse, and historical way, recognizing it as a manifestation of a person's total dimension, covering biological, psychological, and social spheres. It extends beyond sexual pleasure, as it is also manifested through touch and in all forms of expressing affection. When approaching this theme, it becomes evident that the sexual and affective aspect of the disabled person's life is neglected or forgotten due to myths and prejudices perpetuated by culture and transmitted mainly by families, which creates barriers that prevent people from living with integrity. In this sense, this study is a descriptive report experienced by a group of psychology students at the Paraíba State University (UEPB) in the extension project "Sexual Orientation for Parents of People with Disabilities", funded by UEPB for the 2022/23 academic year. The primary goal of the interventions was to guide the caregivers of people with disabilities (PwD) regarding sexuality, as well as create strategies to approach this subject in the family context. The target audience for these actions was

1 Doutor em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: joacofi@uol.com.br;

2 Graduando em Psicologia na Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: luandesousabalbino@gmail.com;

3 Graduada em Psicologia na Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: izabelacristinaaosoressa@gmail.com.

concentrated in the Association of Parents and Friends of the Exceptional in Campina Grande, Paraíba (APAE CG). The methodology was designed to be welcoming and was implemented through seven discussion circles, featuring semi-structured themes and dynamics shaped by the participants' needs. This work successfully promoted a better understanding of sexuality among parents.

**Keywords:** Sexuality. Parents. People with Disabilities. Sexual Orientation.

## INTRODUÇÃO

A sexualidade é compreendida de maneira ampla, envolvendo características biopsicossociais. Ao contrário do que pensa o senso comum, ela não está necessariamente ligada ao prazer obtido através de um órgão genital, mas a todo um conjunto de expressão de afetos presentes na natureza humana. Conforme o entendimento da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2010), a sexualidade é a energia que motiva a busca por amor, contato, intimidade, expressa-se na forma de sentir, das pessoas tocarem e serem tocadas; pode influenciar pensamentos, sentimentos, ações, interações e tanto a saúde física como mental. Não deve, portanto, a sexualidade ser entendida como sinônimo de sexo.

A dimensão social possui muita influência sob as manifestações da sexualidade. A cultura, produzida e mantida pela sociedade, é responsável pela repressão do comportamento sexual, sendo válido salientar que essas normas de conduta nem sempre se mostram de maneira clara (Foucault, 1984). Para Sigmund Freud (1915/2014), o social marca todo o constructo do que é permitido ou barrado, erguendo acepções do que seria uma sexualidade normal, embora ela mesma desafie todos os discursos normativos.

Nessa perspectiva, as formas de expressão da sexualidade podem ser aprovadas ou negadas a partir da experimentação do indivíduo no seu círculo de interação em um processo de entrada no âmbito social, conforme supracitado, repressivo e normativo, haja vista que a civilização é o local onde o indivíduo aprende a renunciar às suas pulsões imediatas, a fim da demanda de satisfação desesperada e prolongada que advém do outro (Quinet, 2011; Nascimento, 2010).

Não obstante, ao abordar essa temática, o exercício do papel sexual e afetivo da pessoa com deficiência<sup>4</sup> é negligenciado ou esquecido. Esse impedimento parte do pressuposto cultural que instaura uma dinâmica de dois polos: o normal e o anormal. Para Maia (2011), quando a diferença é capaz de produzir, em um determinado grupo e em um contexto histórico e político, a ideia de características tidas normais, exclui e estigmatiza outras formas de ser. Nessa concepção, Moreira (2011) pontua que as normas e condutas sexuais que foram construídas em um processo histórico e destinadas a pessoas adultas e saudáveis, excluem a possibilidade da pessoa com deficiência de vivenciar a sua sexualidade. Conceber a limitação sexual como imposta ao sujeito com deficiência implica estabelecer que a impossibilidade ora encontrada do exercício de sua vida afetiva não se encontra nele mesmo, mas no conjunto de regras que o permeiam (Amaral, 1984; Omote, 1994; Tomazini, 2004 apud Garcia, 2012).

Os pais possuem um papel muito importante a ser desempenhado na educação sexual dos filhos, uma vez que, como aponta Werebe (1998, apud Albuquerque, 2011), transmitem ensinamentos de maneira formal e informal, ou seja, pelo que fazem ou pelo que dizem. Não obstante, a pessoa com deficiência – física, intelectual, sensorial ou múltipla – também precisa de orientação sexual para o exercício pleno da sua cidadania.

Os estudos realizados por Giammi (2004, apud Bastos, 2012), apontaram que os pais de

<sup>4</sup> A nomenclatura de pessoa com deficiência foi sendo alterada ao longo da literatura. Este trabalho utilizará alguns sinônimos, respeitando o aspecto íntegro da pessoa.

peças com deficiência não sabiam como abordar a temática da sexualidade dentro do âmbito familiar, por não conseguirem desenvolver esse tema ou desconhecem a existência dela nos seus filhos excepcionais. Ademais, os responsáveis relataram sentimentos negativos frente à sua função como educadores, uma vez que a sexualidade é inerente a todo ser humano, independente do indivíduo possuir ou não uma deficiência.

## OBJETIVO GERAL E METODOLOGIA

O presente artigo se detém como estudo descritivo, com o modelo de relato de experiência, a partir de resultados coletados de uma intervenção realizada na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Campina Grande, Paraíba. Por sua vez, o objetivo geral do projeto de extensão foi prestar orientação sexual para pais de pessoas com deficiência em uma instituição que oferece atendimentos para pessoas com deficiência intelectual e múltipla, a fim de ajudar os responsáveis a entenderem questões relativas à sexualidade dos seus filhos PcDs.

Desse modo, as ações pragmáticas foram desenvolvidas a partir de um primeiro contato com a Instituição e os pais para conhecê-los, apresentar o projeto e promover a discussão acerca da sexualidade dos seus filhos com deficiência. Para a efetivação dos objetivos, a metodologia utilizada consistia em rodas de conversa, por causa do perfil dos participantes e da temática que estava sendo tratada. Foram registradas por diários de campo e de observações sistemáticas, realizadas pelos extensionistas. Feito o mapeamento da realidade e da disponibilidade de horário, os alunos estruturam cada encontro semanal. Por fim, todos os encontros geraram reflexões acerca do tema, relatados no tópico abaixo.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conforme supracitado, o projeto teve um total de sete intervenções temáticas e semiestruturadas pelos extensionistas. Os encontros foram realizados dentro da sala de espera da Instituição. Embora o projeto tenha se destinado aos “pais” na tentativa de abarcar mais de uma função parental, apenas as mães se fizeram presentes (não houve nenhuma presença masculina). O quadro a seguir apresenta as temáticas dos encontros, as estratégias utilizadas e a descrição de cada uma das atividades.

**Quadro 1: Encontros na APAE**

TEMA	ESTRATÉGIA	DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE
1. Sexo e sexualidade	Realizar o primeiro contato com os participantes em uma roda de conversa, a fim de apresentar o projeto e promover a discussão sobre a sexualidade.	Buscou-se explicar a diferença entre sexo e sexualidade. Estiveram presentes no encontro sete mães que se mostraram estar abertas ao diálogo. Falou-se sobre a importância da reincidência de orientações e sobre o uso de uma linguagem adaptada. Durante o diálogo, foi possível evidenciar a presença de uma emancipação não-toda do corpo do filho, tornando-o um ser dependente mesmo que sua deficiência não o impeça do uso da autonomia sobre si.
2. Mitos sobre a sexualidade das PcDs	A dinâmica proposta foi a de teia de significados a partir de um barbante, conectando pontos em comum nas participantes. Não utilizada por causa da alta movimentação do local, foi necessário fazer uma adaptação muito rápida à realidade do ambiente, deixando apenas a roda de conversa.	Iniciou-se nos relatos, conforme o recorte da fala de uma participante: “O preconceito pode ser velado ou maquiado, mas sempre existe”. A participante frisou a questão e direito à expressão da homossexualidade das pessoas com deficiência intelectual e que hoje as políticas públicas são extremamente preconceituosas. Também foi relatado que nada garante que a vida sexual das pessoas sem deficiência será satisfatória. Nessa perspectiva, foi levantada a pauta de orientar sem infantilizar, não rotulando a sexualidade de ninguém e enxergando pessoas, não estereótipos. Além disso, foi discorrido acerca da romantização em ser mãe de

<p><b>3. Vida afetiva e a pessoa com deficiência</b></p>	<p>A dinâmica inicial consistia despertar outra perspectiva nos familiares sobre a sexualidade do PcD, a partir de relatos transcritos e retirados de um artigo científico.</p>	<p>PcD, em que uma mãe disse: "Ódio que me chamem de guerreira", uma vez que a figura simbólica de uma "guerreira", segundo a participante, não pode sofrer e não pode sangrar".</p> <p>Para introduzir o tema à discussão, foram levados trechos do texto "Apontamentos e reflexões sobre a sexualidade da pessoa com deficiência", consistindo em relatos de PcD's que englobam temas relacionados ao namoro, casamento, autoimagem, autoestima e vaidade. Uma das mães leu em voz alta e assim que finalizou a leitura, começou a debater acerca da concepção de mundo da pessoa com deficiência, de que ela seria direcionada e equivalente a forma que a família vê o mundo. Ela finalizou a sua participação com a fala "Já são excluídos de tanta coisa, de amar também, é pesado". De modo geral, as mães ressaltaram que existe sempre a necessidade de cuidado e algumas relataram que se deixassem os filhos se casarem, eles teriam que morar por perto.</p>
<p><b>4. Vulnerabilidade da pessoa com deficiência</b></p>	<p>A dinâmica utilizada foi parecida com a do terceiro encontro, diferenciando apenas que não consistia em depoimentos, mas em dados estatísticos retirados de um jornal.</p>	<p>Foi distribuído um folheto elaborado pelo jornal G1, acerca da violência contra Pessoas com Deficiência. As mães relataram algumas reportagens envolvendo agressões físicas e sexuais, defendendo a orientação sexual como forma de prevenir. Uma participante relatou sobre o abandono paterno e de como é difícil educar um filho com ou sem deficiência.</p>
<p><b>5. Temática aberta</b></p>	<p>Roda de conversa.</p>	<p>Houve uma explanação sobre maternidade e o "ser-mãe", o encontro teve a participação de sete mães. As participantes abriram uma discussão sobre a própria sexualidade e como os maridos reproduzem um machismo estrutural no casamento. Termos como: "deposito de esperma", "escrava", "servente", entre outros, foram utilizados. Aliado a isso, ocorreram relatos de histórias da vida sexual delas e a diferença que aconteceu ao envelhecer.</p> <p>O encontro teve participação de dez mães. Algumas das falas trazidas pelas mães foram: "Não coloque em mim o rótulo de guerreira", "O povo olha e condena", "Eles querem dizer absurdos e querem que a gente tenha paciência", "Como que fica o psicólogo da mãe? Somos tidas como perfeitas", "É necessário cuidar de quem cuida". Ainda foi relatado a dificuldade de encontrar e, principalmente, de aceitação do diagnóstico em escolas. Também foi relatado sobre o sofrimento das instituições específicas para pessoas com deficiências, assim como acerca da importância de conhecer os direitos delas.</p>
<p><b>6. Temática aberta</b></p>	<p>Roda de conversa a partir da pergunta norteadora: "Como é para vocês lutarem junto com seus filhos PcDs?"</p>	<p>O encontro teve participação de dez mães. Algumas das falas trazidas pelas mães foram: "Não coloque em mim o rótulo de guerreira", "O povo olha e condena", "Eles querem dizer absurdos e querem que a gente tenha paciência", "Como que fica o psicólogo da mãe? Somos tidas como perfeitas", "É necessário cuidar de quem cuida". Ainda foi relatado a dificuldade de encontrar e, principalmente, de aceitação do diagnóstico em escolas. Também foi relatado sobre o sofrimento das instituições específicas para pessoas com deficiências, assim como acerca da importância de conhecer os direitos delas.</p>
<p><b>7. Encontro final</b></p>	<p>Finalização e devolutiva.</p>	<p>Encontro de encerramento. Recapitulação do caminho percorrido com as participantes e com a diretoria da APAE Campina Grande. Agradecimento pelos frutos colhidos, entrega de lembrancinhas e fechamento de ciclo.</p>

Fonte: Autor (2019)

Com relação aos resultados obtidos com este projeto, a cada encontro as participantes relataram que gostavam muito, porque o tema trabalhado possui um tabu muito grande e naquele ambiente proporcionado às mães e elas poderiam falar e aliviar um pouco das suas angústias. Comentários positivos sempre eram feitos e, além disso, uma participante chegou a dizer que



se sentia em uma terapia, por causa do bem-estar proporcionado. As participantes conseguiram, ao menos, ter uma outra perspectiva sobre a sexualidade dentro da sua casa, porque conseguiram enxergar esse assunto com mais informação e leveza, não apenas vinculado ao ato sexual. Ademais, a temática transpassava a própria vida delas, sem as resumir ao fato de serem mães.

De modo geral, constatou-se que a repressão da sexualidade da pessoa com deficiência é, portanto, uma construção social, porque desvia da “curva” tida como normal e esperada. Tal fenômeno é evidenciado a partir do intermédio da própria sociedade, sendo essa responsável, em um processo sócio-histórico, por erguer barreiras atitudinais que impedem a vivência da sexualidade íntegra de pessoas com deficiência. Desse modo, Maia e Ribeiro (2010) observam uma forte influência do aparelho social frente a essa segregação. A cultura se utilizando de algumas acepções não verídicas para justificar a repressão sexual e afetiva impostas aos PCDs.

Nessa perspectiva, os motivos que impedem essa vivência são alguns mitos e preconceitos sobre a sexualidade da pessoa com deficiência. Por conseguinte, o comportamento sexual do indivíduo é reprimido ou ignorado, em detrimento da norma cultural, cujo teor é incorporado pelo círculo de vivência da criança excepcional e se estende até a internalização do indivíduo sobre esses estigmas (Silva, 2006 apud Maia; Ribeiro, 2010). Ergue-se, assim, mais uma barreira atitudinal à pessoa com deficiência, independentemente se é física, intelectual, sensorial ou múltipla.

Uma barreira também é encontrada na literatura científica, uma vez que “poucos estudos têm o objetivo de compreender quais são as experiências, necessidades e sentimentos que as próprias pessoas com deficiência intelectual têm frente a sua sexualidade” (Garcia, 2012. p. 149).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme o art. 207 da Constituição Federal (1988), as universidades públicas estão alicerçadas de maneira indissociável sob um tripé que sustenta a sua teoria e a prática, sendo: o ensino, a pesquisa e a extensão. A extensão universitária deve articular o ensino e a pesquisa e sua prática está envolvida no impacto positivo prestado a uma comunidade (Koglin, 2019). A relevância acadêmica deste projeto consolida, portanto, um dos pilares da universidade, ao possibilitar a aplicação de conhecimentos teóricos a fim de impactar positivamente a comunidade externa. Os alunos que participaram do projeto tiveram a possibilidade de aprender e construir estratégias de intervenção psicossocial relacionadas à sexualidade humana junto aos pais de pessoas com deficiência intelectual e múltipla, possibilitando o aprofundamento teórico e a vivência técnica. No tocante às mães, foi possível perceber no discurso delas durante e na finalização das intervenções que elas estavam mais abertas para falarem sobre o assunto da sexualidade com seus filhos e reconheceram a importância da orientação sexual a partir da família.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Paloma Pegolo de. Sexualidade e deficiência intelectual: Um curso de capacitação para pais. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 29, n. 64, mar. 2011.

BASTOS, Olga Maria; DESLANDES, Suely Ferreira. Sexualidade e deficiência intelectual: narrativas de pais de adolescentes. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, p. 1031-1046, set. 2012.

FOUCAULT, Michel. **The foucault reader**. New York: Pantheon, 1984.

FREUD, Sigmund. **As pulsões e seus destinos** - Edição bilíngue. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

GARCIA, Wallisten Passos. Apontamentos e reflexões sobre a sexualidade da pessoa com deficiência intelectual. **Psicologia argumento**, Curitiba, v. 30, n. 68, p. 149-160, mar. 2012.

KOGLIN, Terena Souza da Silva; KOGLIN, João Carlos de Oliveira. A importância da extensão nas universidades brasileiras e a transição do reconhecimento ao descaso. **Revista Brasileira de Extensão Universitária** [Internet], v. 10, n. 2, p. 71-78, jun. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RBEU/article/view/10658/pdf>>. Acesso em 15 de mar. de 2023.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. **Inclusão e sexualidade**: Na voz de pessoas com deficiência física. Curitiba: Juruá, 2011.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. **Revista brasileira de educação especial**, Marília, v. 16, p. 159-176, ago. 2010.

MOREIRA, L. M. A. O papel dos pais e dos educadores na educação sexual da pessoa com deficiência intelectual. In: **Algumas abordagens da educação sexual na deficiência intelectual**. 3. ed. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 43-47

NASCIMENTO, Marcos Bulcão. **Alienação, separação e travessia da fantasia**. [online], Opção Lacaniana, 2010. Disponível em: <[http://opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_1/Aliena%C3%A7%C3%A3o\\_separa%C3%A7%C3%A3o\\_e\\_a\\_travessia\\_da\\_fantasia.pdf](http://opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_1/Aliena%C3%A7%C3%A3o_separa%C3%A7%C3%A3o_e_a_travessia_da_fantasia.pdf)>. Acesso em 15 de mar. de 2023.

QUINET, Antônio. **A descoberta do inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 21-36

WORLD HEALTH ORGANIZATION et al. **Developing sexual health programmes: A framework for action**. [online], World Health Organization, 2010. Disponível em: <<https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/70501/WHO?sequence=1>>. Acesso em 15 de mar. 2023.